

João dos Santos e a Saúde Mental Infantil*

M. Manuela de Mendonça**
Psiquiatra e Neuropsiquiatra Infantil
3 de Maio de 2001

Vou falar-vos de um médico, ou melhor, de uma figura polivalente da medicina portuguesa que viveu entre 1913 e 1987 - João dos Santos. Talvez não muito conhecido em Coimbra, ele fará parte, sem dúvida, da História da Psiquiatria portuguesa, se mais não for, pela valiosa contribuição que deu ao conhecimento da vida mental infantil. O seu objecto de estudo foi esse - a mente humana, muito particularmente no período da infância. À maneira do artista, nela soube encontrar novos ângulos de visão e de interpretação. Introduziu e desenvolveu, no nosso país, novas metodologias de observação da criança, de compreensão, de análise psicopatológica, de tratamento e, essencialmente, de prevenção.

João dos Santos foi um homem de vontade férrea, um pensador-filósofo, capaz de intuir verdades e conceitos muito para além do seu próprio tempo; foi também um investigador-nato, usando intuitivamente uma metodologia científica que o conduzia com segurança da observação à hipótese, desta à experimentação e à conceptualização.

Deve-se-lhe, em grande parte, o reconhecimento pela Ordem dos Médicos da especialidade de Neuropsiquiatria Infantil, posteriormente designada por Pedopsiquiatria e por Psiquiatria da Infância e Adolescência. Deve-se-lhe a primeira

instituição estatal vocacionada para a Saúde Mental Infantil, da qual foi organizador e director. Deixou uma obra escrita, plena de originalidade e profunda sabedoria.

Fez Escola ao longo da segunda metade do século XX, formando algumas gerações de discípulos, não só médicos.

João dos Santos foi, também, um sonhador. Tinha um lema na vida: proporcionar a todas as crianças as condições ideais de pleno desenvolvimento, para que fossem verdadeiramente saudáveis e felizes, garantindo por essa via a Saúde Mental do Homem. Fez tudo o que humanamente lhe foi possível para se aproximar daquele ideal. A ele dedicou toda a sua vida; sofreu incompreensões e perdeu algumas batalhas.

O optimismo e a esperança persistiram, porém, até ao fim, e, em 84 diria numa entrevista: *"um dia as pessoas hão-de compreender!"*

Orgulho-me de ter feito parte do primeiro grupo de discípulos seus, que com ele viveu, ensaiou e criou os alicerces do que viria a ser a sua obra em prol da Saúde Mental Infantil.

E, porque a sua Obra foi o corolário permanente da sua vida e circunstância, passarei a recordar quem era João dos Santos e como tudo começou.

João Augusto dos Santos nasceu em Lisboa, junto à Igreja dos Anjos.

Filho único de um casal modesto, cresceu rodeado de tias e tios, de amigos dos pais, no culto do ar livre, da natureza, do campismo, do desporto, que, seu pai, desde cedo lhe inculuiu.

Tinha orgulho desse pai alfaiate, homem bom e simples, de quem herdou o gosto de viver, de descobrir e saborear os pequenos prazeres da vida. A sua faceta de educador sensato, companheiro compreensivo e liberal viria de certo a incutir no filho determinados aspectos da sua personalidade e comportamento face à criança.

De seu pai e tios herdou, também, o culto da liberdade e da luta política por esse ideal, ao qual dedicou grande parte da vida.

Viveu uma infância livre e solta, como avezita treinando o voo. Na rua, com os garotos do bairro, naquela Lisboa pacata dos pregões, dos rebanhos atravessando saltitantes as ruas da cidade, teve a primeira escola da vida - a do senso prático, do saber de experiência feito - a que sempre daria a maior importância nas suas concepções pedagógicas futuras. Ai exercitou a fantasia e a poderosa criatividade que tão úteis lhe viriam a ser.

A escola trouxe-lhe os primeiros problemas. Era disléxico, mas, ao tempo, ninguém sabia o que isso era; o facto valeu-lhe castigos e epítetos de mandrião, de cábula... e outros. E deixou-lhe uma recordação indelével da incompreensão e da rigidez dos métodos de ensino de que fora alvo. Na verdade, ao seguirmos a sua trajectória vivencial e profissional, encontramos bem definidas e constantes duas coordenadas básicas — a preocupação da auto-análise e compreensão de si próprio; a preocupação pela reformulação da metodologia pedagógica e pelo bem-estar da criança.

Diria mais tarde: (...) *"a minha problemática escolar foi certamente o factor dinamizador do meu interesse pela educação e pela pedagogia"* (...)

Cursou o Liceu Gil Vicente, no velho Mosteiro de S. Vicente de Fora, junto à Feira da Ladra. A rua continuava a ser a sua fonte preferida do conhecimento, da observação da vida, das várias vidas de que se foi apercebendo como adolescente e jovem, ao percorrer os bairros vizinhos do liceu - a Alfama e a Mouraria - com as suas figuras típicas e formas particulares de relação.

Não havia segredos para ele, no seu pequeno mundo citadino que procurava alargar, observar, curioso das pessoas, das suas diferenças, de tudo o que se passava entre elas, dos meios variados, outros tantos cenários de cada forma de viver. Foram depois o Chiado, o Rossio, os cafés e cinemas da Baixa, o seu local de observação e prazer.

Procurava aprender por si próprio aquilo que verdadeiramente lhe interessava. Criou a sua tertúlia jovem de leitura e discussão; gostava de se relacionar com pessoas mais velhas, de saberes variados, que escutava e observava atentamente. Falava pouco e ouvia muito.

Um dia escreveu: *"Os meus Mestres, encontrei-os na Vida, e, alguns, na Escola"*.

Iniciou a vida profissional como professor de educação física, diplomado pelo respectivo Instituto. Nessa qualidade trabalhou também com crianças dos bairros pobres de Lisboa e colaborou na reeducação de crianças com problemas de desenvolvimento. O gosto de trabalhar com crianças perturbadas cresceu nele. Tornou-se vocação.

Na procura de compreender melhor o que se passava com elas, decidiu ser médico, tendo-se licenciado em medicina em 1939.

Concluiria, após o curso, que os conhecimentos nele adquiridos sobre a patologia orgânica não o tinham esclarecido sobre a totalidade das perturbações infantis, algumas das quais continuavam envoltas num manto de mistério.

Falava-se já, nesse tempo, em Portugal, em Psiquiatria Infantil, como ciência de além fronteiras, divulgada entre nós por Victor Fontes, curiosamente, o professor de anatomia descritiva da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Na verdade, Victor Fontes nutria particular interesse pelo estudo, assistência e pedagogia das "Crianças Anormais", como ele próprio as designou genericamente, num curioso livro de sua autoria assim intitulado.

Discípulo de António Aurélio da Costa Ferreira, Victor Fontes herdara a direcção do Instituto Médico-Pedagógico por ele criado na Casa Pia e que viria a ter o seu nome. Foi a primeira instituição do país onde se tomou possível o estudo da patologia mental infantil.

Sob a Direcção de Victor Fontes, internacionalmente conhecido como Psiquiatra da Infância de grande prestígio, o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira viria a adquirir grande desenvolvimento e projecção, através duma organização cuidada, duma biblioteca especializada, única no país, e da edição do seu boletim - uma revista de muito bom nível científico intitulada *A Criança Portuguesa* - de divulgação e permuta internacionais.

Funcionou como viveiro da geração mais antiga de psiquiatras da infância portugueses, muito anteriores à criação da respectiva especialidade. Por ali passaram figuras de relevo de entre as quais merecem destaque Alice de Melo Tavares, fundadora da Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais e Schneeberger de Athayde, autor de um pequeno *Tratado de Psiquiatria da criança e do Adolescente*, e que viria a ser o primeiro doutorado nesta área. Ali se fazia, também, a formação dos professores do chamado *ensino especial*.

Foi neste instituto que João dos Santos se iniciou no estudo da criança, sob a orientação de Victor Fontes, em 1940.

Valorizava-se nesse estudo, essencialmente a vertente médica dos comportamentos anormais infantis, cuja origem se procurava em factores hereditários e congénitos, nas chamadas "degenerescências", nas causas tóxicas, endócrinas, infecciosas (a sífilis, a heredo-sífilis, as encefalites e meningites, etc.). Sempre situações sem francas possibilidades terapêuticas e cuja solução possível se centrava no ensino especial, continuando a tradição da médico-pedagogia do século XIX.

João dos Santos preparava-se simultaneamente em Neuropsiquiatria, na Clínica Universitária (funcionando ainda no Manicómio Bombarda). Os conhecimentos adquiridos através da ampla visão de Sobral Cid, valorizando já aspectos psicológicos, não se coadunavam com as limitações impostas por aquela forma de abordagem da criança perturbada.

Imaginava outras formas de observação e de investigação que o conduzissem à compreensão e origem dos sintomas. Deixou o Instituto António Aurélio passados poucos anos, e optou decididamente pelo estudo da Psiquiatria.

No recém criado Hospital Júlio de Matos, como colaborador de Barahona Fernandes, muito contribuiu para o trabalho exemplar de organização e diferenciação clínica e terapêutica que elevaram aquele Hospital à posição cimeira entre os hospitais psiquiátricos da Península.

Dadas as suas preferências, foi encarregado pelo director - António Flores - de organizar os dois pavilhões infantis.

Conheceu então os meandros da assistência psiquiátrica nacional e as suas lacunas em relação às crianças; nada fora planificado para elas além dos referidos pavilhões no novo Hospital, destinados a asilar as mais perturbadas, em geral com debilidades profundas e grandes agitações. João dos Santos, impotente para obviar esta situação, procurava fora do Hospital contactar com outras crianças cujas perturbações não estivessem tão tragicamente evoluídas, para as estudar e tentar actuações terapêuticas em fases mais precoces.

Trabalhou como voluntário no asilo de S. João, na escola - oficina nº 1, com crianças difíceis dos bairros da Graça e de Alfama, num acumular constante de experiência.

Entretanto, participava em grupos de estudo variados, um dos quais, com Alberto Candeias, Vitorino Nemésio, Flávio Resende e outros, visava o estudo do Ensino de então, e o projecto da sua reforma. Havia nele, além da posição médica,

um empenhamento político profundo que o impulsionava à crítica e à mudança das Instituições destinadas à criança, tanto as de assistência como as de educação, procurando não só modificá-las, mas também torná-las acessíveis a todas, *democratizá-las*, como costumava dizer.

Esse tipo de empenhamento veio a ser decisivo na sua vida. Em 1946, por motivos políticos, foi impedido de exercer funções públicas e de frequentar qualquer hospital português.

Decidiu ir para Paris. Por intermédio de amigos, teve acesso a Henry Wallon - o grande investigador em psicologia genética. Foi seu discípulo, amigo e colaborador, durante alguns anos, no seu Laboratório de Biopsicologia. Posteriormente viria a trabalhar, também como investigador, com Jean Delay, no Centro de Pesquisas Científicas.

Adquiriu experiência clínica com psiquiatras da craveira de J. de Ajuriaguerra e Henry Ey; em psicopedagogia com André Berge. Trabalhou em psiquiatria infantil, já organizada em Paris, com George Heuyer — o primeiro professor de psiquiatria infantil da Faculdade de Medicina de Paris. Entre os discípulos de Heuyer contavam-se alguns dos nomes hoje consagrados, como René Diatkine e Serge Lebovici - o primeiro psicanalista infantil de França.

Com todos João dos Santos estabeleceu sólidas e duradouras amizades. Em boa verdade, conheceu e conviveu com todos os valores franceses da época, significativos nas áreas que lhe interessava dominar: psiquiatria, pedopsiquiatria, psicologia, psicanálise, pedagogia.

Paris veio a ser a Escola que ambicionava e o seu país lhe não pudera oferecer. Ali encontrou as condições ideais a sua forma de aprender, em liberdade de escolha e de pensamento, em permanente diálogo com amigos.

Iniciou também a sua análise didática, tendo sido o primeiro português a lançar-se nessa "aventura". A partir de então, o seu interesse pela psicanálise perdurou para sempre, impregnando as suas atitudes e a formação de todos os seus discípulos, mesmo daqueles que a não seguiram como orientação exclusiva.

Paris abriu-lhe ainda novos horizontes no domínio da arte e da literatura, pondo-o em contacto com intelectuais e artistas de outros países, de ideais políticos comuns.

João dos Santos, grande comunicador, sabia como ninguém, extrair do diálogo prazer e proveito, reflectindo e interiorizando constantemente as novas aquisições que, ciosa e laboriosamente, introduzia na edificação do seu próprio Eu.

Quando regressou ao Hospital Júlio de Matos, em 1950, era portador duma experiência riquíssima na abordagem polivalente da criança, na utilização de novos métodos de observação de cariz psicanalítico e na formulação de novas hipóteses etiopatogénicas. O pós-guerra em Paris proporcionara-lhe um verdadeiro manancial de situações traumáticas para a criança, cujo estudo se revelara significativo em relação a muitos e variados factores potencialmente perturbadores. Tinha ultrapassado definitivamente as antigas pesquisas feitas no Instituto António Aurélio, bem como as práticas pedagógicas ali aprendidas.

O discípulo dissidente de Victor Fontes iria iniciar uma nova era na psiquiatria da infância, em que cada criança seria compreendida e tratada em função de si própria e da sua circunstância particular. A criança seria, para ele, um imenso campo de investigação a desbravar no dia a dia, até tornar compreensíveis as variantes do seu funcionamento mental, as razões do seu adoecer. Pela via da compreensão dinâmica evolutiva, João dos Santos iria encontrar novos caminhos que o conduziram à sua forma genial de tratar e à concepção de esquemas preventivos originais.

Em Portugal, apesar de ter sido promulgada entretanto a *Lei da Assistência Psiquiátrica* (Lei 2006, de 11 de Abril de 1945), em relação às crianças pouco tinha sido modificado. Os pavilhões infantis do Hospital tinham-se transformado rapidamente em dois asilos de pequenos alienados. O Instituto António Aurélio da Costa Ferreira passara a ser, por força de lei, a Única instituição estatal com funções médico-pedagógicas, assistenciais e formativas.

João dos Santos vinha, porém, determinado a seguir a sua orientação e não seriam essas circunstâncias que o impediriam de avançar. Em entrevistas e conferências procurou sensibilizar a opinião pública para as novas concepções da problemática infantil. Barahona Fernandes apresentava-o sempre como o especialista em Psiquiatria Infantil, divulgando o seu nome e saber específico. Aos poucos foram aparecendo pessoas interessadas em seguir as suas ideias. A primeira foi Margarida Roque Gameiro Mendo, que desde 1951 o acompanhou, ao longo de toda a vida profissional, como seguidora fiel e disponível.

Conheci João dos Santos precisamente nessa década tão especial de 50, em que cursei medicina; também através de Barahona Fernandes. O Professor convidara-o a dar uma aula teórica sobre **psiquiatria e higiene mental infantis**, inserida na cadeira de psiquiatria do 6º ano.

Rondava, então, os 40 anos. Não muito alto, de aparência agradável, algo modesta e apagada, discretamente sorridente, essencialmente calmo, do andar ao gesto. Não tinha o ar aristocrático de Barahona Fernandes, nem o seu brilho na exposição; falava baixo, sem modulações, nada deixando entrever da sua força interior e capacidade de acção. No entanto, aquela postura serena, aliada a um olhar vivo e profundo, imprimia enorme segurança à comunicação da mensagem que procurou transmitir-nos.

Abriu-nos perspectivas, campos novos de intervenção, para além da doença e seu tratamento. Falou-nos de **prevenção**, da sua importância no dealbar da vida humana; da criança como fulcro das atenções, da necessidade de compreender as suas reacções, distinguindo as normais das que poderiam ser prenúncio de patologia mental.

Tal como sucedera com Margarida Mendo, entusiasmei-me pela nova disciplina e decidi segui-la pela sua mão, como voluntária. E não só eu; outras colegas do curso tomaram a mesma decisão. Era assim, serenamente e sem pressões, que João dos Santos motivava as pessoas à colaboração.

A partir de 58, já como estagiárias do quadro do Hospital de Júlio de Matos, passámos a trabalhar regularmente com ele - Fernanda Valle, Manuela Reis, Suzana

Teiga, Lucília Mello e Manuela Mendonça. Mais tarde, juntou-se a nós Celeste Malpique, do Porto.

Assim se constituiu o primeiro grupo de discípulas médicas de João dos Santos.

João dos Santos foi Mestre excepcional. Ávido de fazer Escola e preparar colaboradores, tivemos o privilégio da sua disponibilidade para uma formação ombro-a-ombro, conferindo-nos atenção individualizada, atento às diferenças e preferências de cada uma.

Tinha prazer em transmitir as suas ideias, as suas concepções e projectos. Fazia-o com simplicidade, em tom coloquial, colocando-nos em círculo, à sua volta, sem secretária ou outro obstáculo demarcador de distância. Sempre procurando que nos sentíssemos confortáveis; quando o tempo, e o tipo de reunião o permitiam, gostava de estar connosco à sombra das frondosas árvores do parque do Hospital, para onde iam apenas as cadeiras e os nossos cadernos de notas.

Punha-nos a par do movimento internacional pela *Higiene Mental*, da súbita explosão de literatura sobre Psiquiatria Infantil, surgida no pós-guerra, relatando e analisando connosco o conteúdo de investigações pioneiras, hoje clássicas, como as de Anna Freud e Melanie Klein no âmbito da Psicanálise aplicada à criança; as de Spitz, Bowlby, Jenny Aubry sobre carência afectiva, as de Leo Kanner sobre o autismo infantil, etc, etc.

Conseguia, desta forma, motivar-nos à pesquisa de novas fontes, para novas reflexões conjuntas.

Soube despertar-nos a capacidade crítica e de reflexão.

Para João dos Santos não havia verdades aceitas; havia experiências a fazer, conceitos a definir e a clarificar, só assim contribuindo de forma válida para o rigor e a necessária conceptualização da nova especialidade médica.

A sua lição era de humildade científica. Expunha-nos as suas dúvidas e incógnitas devidamente equacionadas, que, em esforço conjunto, procuraríamos resolver.

Falava-nos muito sobre a criança e não apenas dos casos clínicos que nos entregava. Preocupava-o essencialmente compreender o funcionamento mental da criança ao longo do desenvolvimento, os desvios, os porquês... Tudo isso era questionado connosco, descoberto passo a passo. Ensinou-nos a reflectir, reflectindo. A observar, observando. A experimentar, experimentando. A criar, criando.

Ver João dos Santos observar uma criança foi sempre momento alto de aprendizagem; um momento impossível de descrever: uma demonstração simultânea de saber, técnica, subtilidade, arte, ternura, criatividade, todos perfeitamente fundidos, numa forma de estar única e do natural que conseguia desbloquear a criança mais difícil, transmitindo-lhe sensação de segurança e de ser compreendida. De tal maneira o modelo se impunha, que todos os seus discípulos directos ficaram marcados e se reconhecem por essa escola de observação, aparentemente espontânea, mas que encerra todo um saber interiorizado e devidamente transformado num agir natural.

Foi duro o trabalho nos Pavilhões Infantis. Impressionava a alma e os sentidos (inclusive o do olfacto). Ver, ouvir e contactar fisicamente aquelas crianças deterioradas, sujando-se e lançando gritos inumanos, desafiava todas as nossas capacidades de tentar meios de melhorar as suas condições. João dos Santos recusava-se a aceitar a irrecuperabilidade total estimulando-nos a insistir e variar as nossas tentativas, sempre atento ao mais pequeno sinal de melhoras. Foi um trabalho essencialmente formativo. Dele inferimos a importância da *relação* em qualquer fase evolutiva; conseguimos observar e registar diferenças significativas de comportamentos no grande e confuso conjunto das "crianças anormais" e, principalmente, ficámos com a noção nítida de que o mais importante seria evitar, no futuro, evoluções como aquelas.

Aos poucos, a situação foi-se modificando. Graças à nossa acção, à reciclagem do pessoal de enfermagem e à colaboração da assistente social, deram-se algumas altas e passou a ser possível receber doentes agudos, com sintomatologia variada, nos quais ensaiávamos técnicas psicoterapêuticas de raiz psicanalítica, orientadas e regularmente supervisionadas por João dos Santos.

Dada a carência de outros técnicos, procurava dar-nos uma formação abrangente de outros saberes complementares, cultivando, de certa forma, a auto-suficiência da nossa intervenção. Cedo nos pôs em contacto com os melhores psicólogos (raros ainda) e pedagogos. Aprendemos, por exemplo, a manejar com facilidade alguns testes de nível e projectivos, indispensáveis para as investigações de que éramos incumbidas.

Na sua concepção formativa nós não podíamos, porém, limitar-nos a saber diagnosticar e tratar; o essencial seria envidar esforços na prevenção, a nível da comunidade, dos responsáveis por crianças. Importava, pois, abrir canais e fazer-lhes chegar uma mensagem básica sobre a saúde mental da criança e as causas mais comuns da sua perturbação. Para evitar, ou, pelo menos, para rastrear o mais precocemente possível.

Nesse sentido, entrara já em actividade o seu espírito criativo. Desde 1952, aproveitando oportunidades, tinha vindo a implementar uma série de medidas em diversas instituições e com grupos etários diferentes:

A iniciativa mais valiosa, pelo grupo etário atingido, e pelo facto de ter sido pioneira a nível mundial, foi criada num Centro de Saúde Materno-infantil, em Campo de Ourique (hoje designado por Centro Sofia Abecassis). Era dirigido por Rosélia Ramos, enfermeira de Saúde Pública com ampla experiência em saúde infantil, adquirida nos Estados Unidos.

Esse Centro representou para João dos Santos importante local de observação das futuras mães, suas reacções perante a gravidez, sua relação com o recém-nascido, sua atitude perante o desenvolvimento do bebé, ali seguido durante a primeira infância. Com ele colaboraram Margarida Mendo e Pistacchini Galvão. A experiência adquirida passou a ser utilizada na formação das enfermeiras do Centro, habilitando-as ao diálogo com as clientes sobre aspectos de higiene mental, até aí não ventilados. Todas nós, estagiárias, passámos por esse Centro, onde se tornou notório o enriquecimento da actuação das enfermeiras junto das grávidas e das

mães, ajudando-as a compreender, e, conseqüentemente a superar angústias e dificuldades face à gravidez ou a determinados comportamentos dos seus bebês.

Para João dos Santos esta foi sempre a actuação preventiva básica, ao pretender evitar na origem (antes mesmo do nascimento) a perturbação da inter-relação mãe-filho, condicionante de possíveis desequilíbrios emocionais no futuro. Trabalho semelhante, dirigido à criança escolar, foi organizado no ano seguinte, com a criação de dois Centros Psicopedagógicos, um na Voz do Operário (Sociedade de Instrução e Beneficência), outro no Colégio Moderno, a pedido de João Soares, seu director.

Abrangendo níveis sócio-culturais diferentes, o objectivo de ambos era o mesmo: implicar professores e pais na compreensão dos problemas de aprendizagem e de comportamento mais frequentes na idade escolar, visando a sua solução e a profilaxia de futuras situações idênticas.

Em 1954 iniciara, no Colégio Eduardo Claparède - um pequeno colégio particular frequentado por crianças com dificuldades de aprendizagem — um ensaio de várias metodologias de didácticas especiais. Introduzira uma actuação de grupo, fomentando a atitude terapêutica de professores e pais, através da realização regular de *Seminários Psicopedagógicos* que ele próprio orientava.

Esses seminários vieram a atrair outras pessoas e tornaram-se local de encontro, para discussão de temas ligados ao ensino e a aprendizagem.

Criou, então, um *Grupo de Estudos de Psicologia Evolutiva*, onde, se veio a interessar pela "*Educação pela Arte*". Esta corrente educativa, que germinava desde

a década anterior noutros países, era defendida entre nós por Arquimedes S. Santos, e, já utilizada na prática por Cecília Menano, - ambos fazendo parte daquele grupo de estudos.

Cecília Menano - artista plástica e pedagoga - soube pôr a Arte ao serviço da criança, não para a fruir passivamente, nem para a aprender, mas para a praticar livremente, visando obter o equilíbrio do seu desenvolvimento. As tintas, o barro, o recorte, a colagem, foram os preciosos auxiliares da sua obra educativa - ela própria também uma arte - em que veio a ser considerada pioneira, a nível internacional.

Da colaboração entre João dos Santos e Cecília Menano nasceu a aplicação da educação pela arte às crianças com dificuldades variadas procurando proporcionar-lhes novos meios de expressão e comunicação, estímulo para a ação e a fantasia, em plena liberdade. A importância, comprovada, desta experiência conjunta foi divulgada em várias Exposições de trabalhos realizados por crianças seguidas por ambos.

O conceito de *prevenção* em João dos Santos não encontrava limites definidos. Tomara-se extensivo às crianças sofrendo de doenças orgânicas, ou quaisquer deficiências físicas, partindo do princípio, lógico, de que seriam ainda mais vulneráveis psicologicamente do que as crianças com saúde.

Assim, através do prestigiado oftalmologista Henrique Moutinho, penetrou no mundo das crianças invisuais e amblíopes, a cuja problemática psicológica não mais deixou de estar atento. Desse seu interesse vieram a nascer as Classes de Ambliopes em 1955 e o Centro Helen Keller, em 1956. Foi também pioneira a

experiência pedagógica realizada neste Centro, onde, pela primeira vez, se fez o ensino integrada de crianças de visão normal, com crianças amblíopes e invisuais. Sob a direção pedagógica de Maria Amália Borges - outra preciosa colaboradora de João dos Santos - a experiência resultou com pleno êxito, tendo-se evidenciado vantagens para todas as crianças.

Todas estas, e outras iniciativas por ele criadas, funcionavam bem, mantidas por um escol de colaboradores voluntários estimulados pelo seu entusiasmo e dinamismo. O enriquecimento recíproco, brotado do permanente intercâmbio de conhecimentos, constituía, só por si, suficiente recompensa do esforço despendido por cada um.

Funcionavam como verdadeiros laboratórios de pesquisa, ensaio e aperfeiçoamento de métodos, preventivos e terapêuticos, onde tínhamos orgulho em colaborar, e a sorte de poder contactar directamente com uma "equipa" de luxo, de figuras da maior craveira intelectual e técnica, a maior parte das quais deixou nome e obra valiosa.

João dos Santos tinha uma particular acuidade para seleccionar as pessoas certas para colaborar em cada área. E não lhe era difícil motivá-las para isso: o seu saber e prestígio eram suficientes para suscitar o desejo de com ele privar e aprender.

Esses anos dourados da Psiquiatria Infantil portuguesa, sem que disso tivéssemos tido a verdadeira consciência histórica, representaram um incomensurável passo em frente na sua evolução, e, permitiram a João dos Santos o

lançamento de sólidos pilares sobre os quais veio a fundamentar a sua accção futura e Obra.

Para além das experiências referidas, são muitas as investigações clínicas de João dos Santos dirigidas ao *desenvolvimento* e suas perturbações. Encontram-se publicadas cerca de duas dezenas, dispersas por várias revistas.

Referir-me-ei, em especial, aos estudos sobre a *sintomatologia neurótica infantil*, o primeiro dos quais data de 1952. Sobre esta matéria incidiu a sua constante atenção; vários dos seus colaboradores nela trabalharam, ao longo de diferentes épocas: Margarida Mendo, Manuela Reis, Suzana Teiga, Lucília Mello, Manuela Mendonça, Natália Caldas, entre outros. Num labor persistente e ordenado, João dos Santos foi reunindo elementos para uma classificação e interpretação de sintomas, que sempre aperfeiçoava, em função de novos aspectos observados e repensados. Num trabalho notável, publicado em 63 na *Psychiatrie de l'enfant* ("*La valeur du symptôme dans le domaine préventif*") reúne já importante conteúdo a seu respeito, enquadrando-os na problemática relacional envolvente da criança, ao mesmo tempo que expõe, de forma clara e original, a sua metodologia de abordagem da criança e seus pais em situação de consulta. E o estudo aprofundado de um destes sintomas - a encoprose - que lhe merece o Prémio Sandoz de Psiquiatria de 1971. Na sua última obra - *A Casa da Praia* - dedica, ainda, um capítulo ao tema favorito, repensando-o e teorizando-o em maior profundidade.

Em 1958 realizou-se o Congresso Mundial de Psiquiatria Infantil. Graças ao prestígio internacional de Victor Fontes, o país escolhido para cenário do evento foi Portugal. A novidade do conteúdo científico e a presença dos pioneiros

internacionais agitaram o meio médico de então. No ano seguinte a Ordem dos Médicos reconhecia uma nova especialidade - a Neuropsiquiatria Infantil.

A partir daí, João dos Santos pressionou o Instituto de Assistência Psiquiátrica no sentido de criar com urgência serviços adequados à prática da nova especialidade e formação dos especialistas. Os seus pareceres não obtinham, porém, resposta.

Decorria na época, uma verdadeira revolução na História da Psiquiatria. A descoberta dos primeiros psicotrópicos, em 1950, o seu uso generalizado e as esperanças nascidas dos correspondentes êxitos terapêuticos, haviam gerado um movimento internacional de modificação de atitudes face ao doente mental e as formas de o assistir institucionalmente. Contemporaneamente, o movimento da Higiene Mental, iniciado nos Estados Unidos, invadia o mundo civilizado. Foi, pois, a época das grandes reformas da Assistência em Psiquiatria, do início da contestação dos grandes Hospitais Psiquiátricos e da concepção de formas de tratamento ambulatorio procurando evitar a desnecessária separação dos doentes das suas famílias e meio natural.

Em Portugal vivia-se também essa expectativa, observando o que se passava em países mais avançados nesta área e estudando uma nova legislação, actualizada e aberta à mudança. É compreensível que motivos desta natureza tivessem levado a Direcção do Instituto a considerar não oportuna a implementação de mudanças parcelares, ligadas apenas à nova Especialidade. A verdade é que, fosse qual fosse o motivo, decorreram ainda cerca de seis anos em que a formação dos neuropsiquiatras infantis da Assistência se manteve graças a João dos Santos e aos "campos de estágio" por ele concebidos e em franco progresso.

Só em 1963 saiu legislação nova - a Lei 2118 — conhecida por "Lei da Saúde Mental". Nela se previa a criação de Centros de Saúde Mental (para adultos e para crianças) que deveriam agir imbuídos do espírito da nova lei, ou seja, deslocando o fulcro das atenções, da *assistência* aos doentes para a *Saúde mental* das populações, promovendo-a e mantendo-a através de medidas preventivas. Inspirada na legislação francesa que regia a chamada *Psiquiatria de Sector*, preconizava, afinal, uma forma de trabalhar bem conhecida de João dos Santos e que, finalmente, vinha ao encontro dos seus anseios de realização organizacional.

Foi neste contexto histórico e legal que João dos Santos foi indigitado para planificar um *Centro de Saúde Mental Infantil* a situar em Lisboa. Planificou um Centro exemplar, inspirado no de Alfred Binet de Paris que bem conhecia. Visava, pois, um trabalho de Saúde Mental comunitária adequado à população infantil. O Centro teria a sua sede não num hospital, mas num qualquer prédio situado bem no seio da comunidade a que se destinava; e procuraria, a partir daí, alargar a sua acção preventiva, estendendo-se tentacularmente a todas as instituições vocacionadas para a criança. Englobaria as Clínicas infantis hospitalares - como retaguarda de apoio terapêutico - e teria como função prioritária a formação de técnicos e de equipas. Propunha um Quadro amplo, incluindo pedopsiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas vários, pedagogos, professores de ensino especial, educadoras de infância, em quantidade suficiente, para constituir numerosas equipas. Era um plano, de facto, exemplar, mas oneroso que o país não adoptaria e lhe iria levantar as maiores resistências. Conseguiu, no entanto, implementar o modelo em Lisboa, obtendo condições, que embora não fossem exactamente as

desejadas, excediam muito as que viriam a ser dadas aos outros dois Centros (o do Porto e o de Coimbra).

O Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa nasceu em 1965 e João dos Santos foi o seu primeiro Director. O Centro passou a ser o almejado local de formação de técnicos e de equipas. A equipa tornou-se a unidade funcional da intervenção comunitária. João dos Santos consolidou e desenvolveu as experiências anteriores, introduzindo a sua prática, pela primeira vez, num serviço do Estado. A acção preventiva abrangeu outros serviços de saúde, nomeadamente materno-infantis, escolas, medicina escolar, magistrados e serviços tutelares de menores. Com todos foi estabelecido o hábito dos contactos directos regulares, visando o diálogo e a procura reflectida dos pontos de vista mais favoráveis à criança. Alargando as vias de diagnóstico foram criados Laboratórios de Psicologia, de Electroencefalografia, de Bioquímica. Foi deste Laboratório que dimanou o programa de rastreio sistemático da doença fenil-pirúvica nos recém-nascidos - hoje prática corrente nas Maternidades. Além do Dispensário Central, na Sede (á Rua João Penha), outros foram abrindo pela cidade. O Centro não era uma entidade física, mas funcional, integrando estruturas muito dispersas e sempre em número crescente. Os Pavilhões do Hospital Júlio de Matos foram completamente remodelados, criando-se num deles um *Hospital de Dia* para crianças gravemente perturbadas. Num outro Pavilhão hospitalar, cedido para o efeito, foi instalada uma *Oficina* — Escola (a Escola dos Cedros), destinada à reeducação e integração sócio - profissional de jovens. Funcionava também como local de formação de técnicos nessa área.

A onda crescente de afluência às consultas absorvia os recursos humanos, exigindo cada vez mais, e dificultando o desenvolvimento das estratégias preventivas. João dos Santos lutou tenazmente contra dificuldades de toda a ordem insistindo no número insuficiente de equipas para poder trabalhar a enorme área de influência atribuída. Para manter a qualidade da actuação preventiva, sem levar as equipas ao esgotamento, teve que reduzir drasticamente essa área. Planificou um grande Hospital Psiquiátrico Infantil que não chegou a concretizar-se. Foi uma experiência desgastante e dispersante, roubando-lhe disponibilidade para se dedicar às tarefas preferidas - trabalhar directamente com crianças e formar pessoas. A Formação passou a ser feita em reuniões, em Seminários alargados e programados, em Colóquios temáticos abertos. A sua acção formativa projectou-se, desta forma, muito para além dos técnicos do Centro. Ali afluíam pessoas de formações de base variadas, tendo em comum o interesse pela criança. Apesar de todas as dificuldades e incompreensões, João dos Santos manteve-se na Direcção até 1982, dando um exemplo permanente do que é possível fazer-se pela Saúde Mental Infantil.

O 25 de Abril abriu-lhe novas perspectivas, ao facilitar ao Centro um imóvel situado na Junqueira, na Travessa da Praia. Na *Casa da Praia*, como lhe chamou, veio a organizar, com um pequeno grupo de colaboradores, um externato de *Pedagogia Terapêutica* destinado ao estudo e tratamento de crianças com problemas de aprendizagem escolar. A ele se dedicou inteiramente, e ali se manteve mesmo após a aposentação. Ali conseguiu reunir as condições necessárias para concretizar, pôr em prática, teorizar e transmitir toda a experiência adquirida nesse campo.

Não resisto à tentação de vos ler algumas passagens de "Retrato de um Grande Amigo" - da autoria da pedagoga Manuela Cruz - sobre esses últimos anos de João dos Santos:

"Falar hoje do Dr. Joao dos Santos é falar desta instituição simpática onde muita e variada gente o procura. São jornalistas para o entrevistarem, são artistas, escritores, poetas, para trocarem impressões comuns, são médicos, psicólogos, educadores e professores para escutarem o seu saber; são os pais a pedir ajuda na educação dos filhos, são as crianças a perguntar: Dr. Santos, posso entrar? (...) Todos têm entrada na sala modesta, com janela de trapeira e cortina de cassa branca - o gabinete do Sr. Dr (...) Não a sala maior da casa. Não está no andar nobre, nem foi mobilada a rigor, para um Director. Está vestida com amor. É um recanto acolhedor, com móveis escolhidos, oferecidos, com história (...) é o armário - museu da Escola, é o móvel romântico com trabalhos e peças feitas pelas crianças (...) São cadeiras de verga com almofadas de chita e uma cadeira de praia de cor garrida onde o doutor sempre se senta a pensar, a estudar ou a escutar (...) Uma mesa redonda com toalha de retalhos serve-lhe de apoio para escrever ou receber os que ali vêm (...) o doutor escuta o que cada um tem para dizer, como se o seu saber dependesse sempre de cada ser que se lhe apresenta. E olha os outros atento, calmo, com olhar profundo (...) Às vezes lê, e ao lado, sentado, fica um menino, entretido com qualquer jogo ou brinquedo inventado. O entendimento mútuo é perfeito. Entendem-se com sabedoria. Ficam tranquilos. Mestre e menino. Passam birras, teimosias e a gente esquece-se das terapias. (...) As reuniões de técnicos são ricas de comunicação. Falam das pessoas e do Saber profundo. São dinâmicas e dialogais. E o Mestre ensina com simplicidade (...) E que o Dr. João dos Santos não dita de cátedra o conhecimento. Faz

e explica. Dá-se como modelo e nessa sua verdade reside também a sua grande autoridade”.

Era esta, de facto, a sua autenticidade, e a força com que se impunha, sem se impor.

E continuou a sonhar com um futuro melhor! Planificou a sua última utopia, como lhe chamou, - um *Instituto para a criança* que coordenasse uma política de Saúde coerente, nacional, de protecção materno-infantil. Nele participaria toda a sociedade portuguesa, procurando responsabilizá-la na obtenção e garantia das condições favoráveis ao desenvolvimento harmónico de todas as crianças como condição de normalidade e felicidade do Homem futuro. Passados dez anos foram aprovadas as bases jurídicas desse Instituto e, em 1983, sob a influência de Manuela Eanes, concretizou-se o chamado *Instituto de Apoio a Criança*. João dos Santos foi o sócio nº 1, e em Abril de 87, dez dias antes do seu falecimento, passou a Sócio Honorário.

Nos últimos anos João dos Santos teve a preocupação de dar maior divulgação às suas ideias e concepções. Passou a colaborar regularmente no Jornal da Educação; a ter um Programa semanal na Rádio Comercial; a dar Entrevistas e a escrever com regularidade. Tinha publicado ao longo da vida, em Revistas médicas, portuguesas e francesas, cerca de 17 trabalhos de investigação clínica de grande valor, além de mais umas dezenas em co-autorias variadas (Barahona Fernandes, Victor Fontes, Schneeberger Athayde, Lobo Antunes, Fragoso Mendes, Maria Borges, Henrique Moutinho, Cecília Menano, Navarro Soeiro, Coimbra de Matos, Francisco Alvim, Mário Casimiro, Cabral de Sá, etc.) De qualquer forma, quando pretendia

expor as suas concepções pessoais, a sua forma preferida de comunicação era a oral, em diálogo, em colóquio tranquilo, de preferência em pequenos grupos. Não gostava de escrever, ou melhor, de escrever para publicar. Foi nos últimos anos que adquiriu maior interesse pela comunicação escrita. E encontrou um estilo próprio, despreocupado, escrevendo como falava, contando as suas histórias por entre as reflexões mais profundas. Com ele compilou em dois volumes palestras, reflexões pessoais, pequenas histórias, notas de viagem e dados autobiográficos, de todos extraíndo ilações pedagógicas, e que intitulou *Ensaaios sobre Educação*. Conseguiu transmitir uma imagem de si próprio, inteligentemente trabalhada, em que a criança que foi lhe serve de base constante para a compreensão das outras crianças. Escreveu ainda outros dois livros: *A caminho de uma Utopia... um Instituto da Criança* e *A Casa da Praia: um Psicanalista na Escola*.

Através desta escrita original João dos Santos impôs-se definitivamente como pensador e como ser humano de excepção. É ele que nos conduz à releitura da sua trajectória vivencial, reveladora duma vontade e determinação capazes de sublimar a sua problemática infantil, conseguindo compreendê-la, obtendo a auto-tranquilização e a pacificação com a criança que foi e, a partir daí, pondo o saber adquirido ao serviço de todas as crianças.

Em 1984 o Presidente da República agraciou-o com o grau de Comendador da Ordem de Benemerência. No ano seguinte, a Universidade Técnica de Lisboa conferiu-lhe o grau de Doutor Honoris Causa.

Faleceu em 16 de Abril de 1987. Algumas horas antes concluíra o referido livro *A Casa da Praia: um Psicanalista na Escola* - um dos seus textos mais

significativos. Dos quatro filhos, dois foram seus discípulos: José Augusto, pedopsiquiatra, faleceu jovem, antes do pai. Maria Paula, pedagoga, foi sua colaboradora dedicada, continuando a exercer segundo a mesma linha.

Após o seu desaparecimento, família e amigos reviram e publicaram os seus programas radiofónicos; traduziram para português e publicaram o texto *A Neurose de Angústia*, escrito em 85, e apenas divulgado em língua francesa através da *Revue Française de Psychanalyse*. Deixou volumoso espólio inédito.

Em 1992, razões políticas que me abstenho de comentar, levaram à extinção dos Centros de Saúde Mental, integrando-os, como meros *Departamentos*, em Hospitais Gerais (de adultos ou pediátricos). Vive-se, desde então, uma nova experiência organizativa, economicista, com limitações várias, nomeadamente a nível da prevenção.

Decorridos quase 40 anos sobre a planificação de Serviços de João dos Santos, ela continua actual e adequada, na sua essência, ao futuro. A rapidez da evolução científica nas últimas décadas, nomeadamente da bioquímica, da genética, das neurociências, encaminha-nos para a solução das situações consideradas mais inacessíveis da psiquiatria infantil (oligofrenias dismetabólicas, congénitas, traumáticas, a maior parte das epilepsias) e até, provavelmente, das próprias psicoses infantis). Teoricamente, a psiquiatria infantil ficará, no futuro, confinada aos graves problemas de ordem social e psicológica que grassam cada vez mais nas sociedades modernas, intolerantes para com os mais dependentes - o ancião e a criança. Esta sofrerá cada vez mais a neurose colectiva, a angústia do adulto e a que

Ihe advém da carência afectiva, da inadaptação escolar a métodos pedagógicos desconexos de que é frequentemente cobaia e raramente beneficiária.

O *psiquiatra da infância e adolescência* terá forçosamente que evoluir para um trabalho preventivo, em estreita colaboração com os adultos responsáveis pela criança, consciencializando-os dessa responsabilidade colectiva e partilhada a que tendem, hoje em dia, a eximir-se. O trabalho com pais e professores é fundamental para minimizar a tendência crescente do abandono psicológico da criança e do jovem; abandono esse, tão responsável pela procura de formas desajustadas de auto-afirmação, na transgressão e na violência gratuita, por exemplo, ou na procura de paraísos artificiais, no álcool ou na droga.

João dos Santos ficará, também, na História da Pedagogia, como alguém que conheceu a fundo os problemas da educação e sempre os equacionou a par e passo com os da saúde mental, estabelecendo entre eles um binómio indissolúvel na abordagem do comportamento desviante da criança. A faceta de pedagogo acompanhou, de resto, toda a sua actividade, revelando-se na formação dos discípulos e das equipas, na forma de dar os seus Cursos, nas intervenções junto de pais, professores, governantes, opinião pública, e ainda em relação à criança perturbada, criando para ela uma metodologia própria, nascida duma reformulação pessoal do conceito de *Pedagogia Terapêutica*.

Muito mais poderia dizer. O adiantado da hora, porém, aconselha-me a terminar. Pretendi apenas dar-vos um testemunho vivido sobre esta figura carismática da Medicina Portuguesa, marcante na formação dos seus discípulos e

seguidores. Cumpre-nos a todos divulgar o seu legado e bem assim o que cada um conseguiu fazer com ele.

Penso que a sua Obra em prol da Saúde Mental Infantil persistirá para além da actual crise institucional.

Aos vindouros caberá a neutralidade da análise e a valorização do seu labor.

Termino com João dos Santos: *"Ensinej, aos meus filhos e aos meus discípulos, que se deviam preparar para a luta... para que" um dia "pudessem trabalhar com dignidade e com saber, para a Educação e para a Saúde do povo e para o bem-estar de todos"*.

** Conferência proferida na Ordem dos Médicos (Secção Regional Centro), incluída no Ciclo de Conferências "Medicina, Cultura e Sociedade", organização conjunta daquela Secção e do Grupo de História e Sociologia da Ciência do CEIS 20. (3 de Maio de 2001)*

*** Dra. M. Manuela de Mendonça
Psiquiatra e Neuropsiquiatra Infantil*